



## O RUÍDO SONORO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA ATMOSFERA PSICOLÓGICA NO FILME *MARIMBONDO AMARELO*<sup>1</sup>

Thais Rodrigues Oliveira<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

**Resumo:** O cinema goiano reativou sua produção de filmes de ficção na década de 2000 através de leis de incentivos fiscais e premiações. Este artigo explora a construção sonora no filme *Marimbondo Amarelo*, dirigido por Amarildo Pessoa, que foi o primeiro filme goiano a conquistar um prêmio exclusivo para o som para cinema em um festival nacional.

**Palavras-chave:** Som direto; som de cinema; captação sonora em cinema; cinema goiano.

### Resumo expandido

*Marimbondo Amarelo* é um curta-metragem goiano, dirigido por Amarildo Pessoa, que tem a duração de vinte minutos. O filme foi produzido no ano de 2009 e conta a história do casamento de uma menina, Ismera, que gostava de ser ferroadada por marimbondos. É o primeiro filme no estado de Goiás a ganhar um prêmio exclusivo para a construção do som<sup>3</sup>.

Segundo Amarildo Pessoa, *Marimbondo Amarelo* é um filme sobre costumes de um povo. Quando criança, o diretor ouvia histórias sobre a família de João Dias, no interior do estado de Goiás. À noite, a família de João Dias andava em procissão cantando ladainhas pela cidade de Nova América, para livrar as almas de algum tipo de punição. Segundo o diretor “todo mundo tinha medo porque eles acreditavam que onde passava a família, as almas perdidas acordavam e elas caminhavam atrás do grupo” (entrevista oral concedida em março de 2010).

A partir das histórias ouvidas e da letra da música *Marimbondo Amarelo*, interpretada pelo grupo musical Sons do Cerrado, Amarildo Pessoa criou o enredo do

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à 8ª SAU 2019 - Semana do Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Goiânia - Laranjeiras.

<sup>2</sup> Docente efetiva do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutora em Performances Culturais (FCS-UFG). E-mail: thaiscinema.ueg@gmail.com

<sup>3</sup> Prêmio concedido para Víctor Pimenta no 5º festival de Atibaia internacional de audiovisual em 2010.



curta-metragem. O filme conta a história de Ismera, uma jovem que segundo a lenda da região é prometida em casamento para o marimbondo amarelo. Por uma maldição proferida para a garota, desde criança ela sentia sensações com as picadas do inseto. Quando se torna adulta se envolve com um rapaz e resolvem então marcar a data do casamento. No dia da cerimônia Ismera é surpreendida em seu caminho pelos marimbondos. Não resiste ao som dos marimbondos e vai até eles. Quando chega picada por marimbondos e suja de lama na igreja todos pensam que ela está louca. Uma mulher da cidade, conhecida como dona Paraíba, fica responsável a partir de então pela retirada da maldição existente na jovem.

Muito antes da introdução do som, o cinema já havia deixado de ser um espetáculo de circo para ter um valor próprio. A partir dessas primeiras experiências, o cinema começa a inventar a sua linguagem e logo no início de sua existência fica evidente que a imagem sozinha em movimento não era suficiente, estava incompleta: “o sentido da audição naturalmente reclamava a sua parte” (MANZANO, 2003, p.65).

Marcel Martin (2003) realiza a divisão dos tipos de fenômenos sonoros em ruídos naturais, ruídos humanos, palavras-ruído, ruído mecânico e música ruído. Para ele o som pode ser utilizado de diferentes formas: realista e não realista. A utilização não realista do som serve para induzir uma interpretação simbólica e subjetiva no espectador, já a função realista é utilizada de forma a sugerir a veracidade da cena filmada, o som é sincrônico e a fonte emissora do mesmo facilmente identificável nas imagens, assim aquilo que ouvimos se justifica por aquilo que vemos.

O filme *Marimbondo Amarelo* é pontuado sonoramente, principalmente pela montagem sonora que tem a utilização de sons não-realistas. O som do instrumento de percussão berra-boi que inicia a narrativa, cria um tom de suspense até mesmo sobre o que estamos ouvindo. Ficamos procurando na imagem a origem desse som. Escutamos uma voz em off, prestamos atenção na fala da atriz, mas o som do berra-boi continua ali insistentemente, na diegese fílmica. Então quando enxergamos a procissão e um homem tocando tal instrumento, sentimos um conforto ao ver de onde vem aquele som.



Quando o diretor se preocupa em não mostrar a fonte emissora do som no início do filme ele nos faz o convite de tentar imaginar o que pode ser aquilo que se ouve, até a imagem nos revelar de onde é que vem esse som.

Em *Marimbondo Amarelo* existem situações específicas de uso estilísticos do som. Percebe-se uma relação entre a montagem sonora e a história de Ismera. Quando ela é atacada por marimbondos antes de seu casamento, ouvimos uma série de sons fortes juntamente com a risada de Ismera. A imagem ganha força pelo som dos marimbondos, da rabeca, do berra-boi e da tonalidade da risada da atriz juntos. O som, nesse caso, acentuaria o papel desempenhado pelo close-up e pela montagem/decupagem (entendidos como elementos poderosos e específicos do cinema), podendo atuar em conjunto (MANZANO, 2003), pois se o cinema trabalha tão eficazmente a atenção voluntária e involuntária, o som é ferramenta com grande potencial no trabalho de direcionamento da atenção[...]. (MANZANO, 2003, p. 35).

Podemos dizer que o diretor do filme utilizou de forma muito bem estudada o potencial metafórico do material sonoro do filme, criando um discurso narrativo capaz de persuadir o espectador através da narrativa sonora a interpretar o filme em seu conjunto: imagens e sons, de acordo com sua intencionalidade retórica. Este tipo de edição onde o som é um elemento essencial para a construção narrativa coloca em evidência a importância que deve ser dada aos elementos sonoros dos filmes que muitas vezes são relegados em relação aos elementos visuais.

### Referências Bibliográficas

COSTA, Fernando Morais da. **O som no cinema brasileiro**. 1ª edição. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

LEÃO; BENFICA, Beto; Eduardo. **Goiás no século do cinema**. 1ª edição. Goiânia: Gráfica e Editora Kelps, 1995.

MANZANO, Luiz Adelmo Fernandes. **Som-imagem no cinema: a experiência alemã de Fritz Lang**. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 2003.



MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. 1ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RODRÍGUEZ, Ángel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual**. 1ª edição. São